

## **Navegar é preciso: experiências no trabalho com a literatura na Escola e nos Estágios C. Supervisionados. Uma relação entre literatura e leitor**

Dâmaris de Oliveira dos Santos

Nandara Maciel Leite Tinerel <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende discorrer sobre as experiências vividas nos estágios supervisionados, especificamente, o estágio III. Nosso intuito é também estabelecer algumas discussões acerca do que se refere ao ensino de literatura. Todas essas discussões vão ao encontro de alguns pontos teóricos que nos ajudaram a estabelecer questionamentos sobre esta disciplina que, muitas vezes, é tão desvalorizada por alguns alunos. Tivemos como apoio teórico os textos: “Leitura, escrita e literatura em tempos de internet” (2007), de Maria Teresa Freitas, “Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: “os amores difíceis”” (2007), de Egon de Oliveira Rangel e a obra *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), de Ana Maria Machado. Nosso intuito também é o de observar as relações entre alunos e literatura em sala de aula, o que estes pensam e como agem/reagem diante da disciplina.

**Palavras-chave:** Literatura. Escola. Leitura

### **Abstract:**

This article intends to discuss about the experiences in supervised internships, specifically, stage III. Our aim is also to establish some discussions about what refers to the teaching of literature. All these discussions are going to meet some theoretical points that have helped us establish questions about this subject that often is so devalued by some students. We had as supports the following theoretical texts: “Leitura, escrita e literatura em tempos de internet” (2007), by Maria Teresa Freitas, “Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: “os amores difíceis”” (2007), by Egon de Oliveira Rangel, and *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), by Ana Maria Machado. Our aim is also to observe relationships between students and literature in the classroom, what they think and how they act / react to the discipline.

**Keywords:** Literature. School. Reading.

---

<sup>1</sup> Dâmaris de Oliveira dos Santos ([damaris\\_deoliveira@hotmail.com](mailto:damaris_deoliveira@hotmail.com)) e Nandara Maciel Leite Tinerel ([nandara.maciel@hotmail.com](mailto:nandara.maciel@hotmail.com)) graduandas do curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado de Mato – UNEMAT, campus universitário de Pontes e Lacerda-MT.

Este artigo tem como objetivo discutir as experiências obtidas no decorrer do Estágio Curricular Supervisionado III, especificamente na disciplina de Literatura. Nosso intuito é fazer também algumas relações entre as experiências nos Estágios Curriculares de semestres anteriores em consideração ao modo como a disciplina de Literatura é e/ou foi abordada, tanto por nós enquanto estagiárias, como também pelos professores regentes das turmas pelas quais passamos.

Pensar em literatura, num primeiro momento, é tentar estabelecer uma relação entre ela e os alunos, uma vez que sem eles – os leitores - não há literatura. Essa questão implica, principalmente, no modo como os alunos a recebem e, por conseguinte, já podemos nos questionar: Qual é o modo como a disciplina de literatura vem sendo abordada em sala de aula? Pensando nisso, nos recordamos das nossas experiências no estágio I, o qual tinha como foco a observação das aulas. Já naquele período, a relação entre os alunos e a disciplina nos incomodava um pouco, tendo em vista que a prática era maçante o que desestimulava os alunos. A relação era voltada ao ensino de gramática, leitura e obtenção de nota, nada mais além disso. Já no estágio II, no qual, partimos de meros observadores para professores de literatura, vimo-nos diante de uma realidade um pouco diferente: a professora regente das turmas nas quais estagiamos já trabalhava um pouco mais com a literatura, com base em leituras, discussões e trabalhos, mas ainda assim os alunos não conseguiam conceber o conceito de “literatura” desenraizado da produção textual.

Segundo Regina Zilberman em “Sim, a literatura educa”:

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa à leitura, do que advém a validade dessa. (ZILBERMAN, 2008, p.33).

Desse modo, consideramos que sem a participação efetiva dos alunos durante a aula, não há como efetivar as aulas de literatura, pois a leitura literária como afirma a própria Zilberman, propicia uma experiência única. Única no que se refere às possibilidades de reflexão que essa leitura nos propiciará, aos temas que ela poderá abordar e nos tornar mais críticos, percebendo o mundo com outros olhos e não como um mundo acabado e de mesmice.

Marisa Lajolo ao discutir sobre “A leitura literária na escola” afirma que: “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas” (LAJOLO, 2002, p. 15). Ao pensar na proposta de trabalho para este estágio, uma vez que as turmas eram de Ensino Médio, e em sua maioria jovens que estão se preparando para os vestibulares, nos preocupamos em levar um conteúdo que abordasse a importância da literatura, de como esta pode ser interessante e nos tornar pessoas mais críticas e reflexivas durante e/ou no decorrer do nosso processo formador enquanto leitores. Resolvemos, dessa forma, trabalhar primeiramente com o curta-metragem *Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore*, vencedor do Oscar de melhor curta-metragem de animação em 2012, dirigido por William Joyce e Brandon Oldenburg. Com, aproximadamente 15 minutos, este curta-metragem nos possibilitou algumas discussões referentes ao que os alunos consideravam como “literatura” e de como isto pode ser trabalhado de forma dinâmica e reflexiva, tanto por nós como pelos próprios alunos, nos possibilitou também trabalhar a importância da leitura literária na vida dos alunos, sendo interessante ressaltar que quando perguntávamos se eles gostavam de ler textos literários, a maioria deles demonstrava certa apatia.

Para que os nossos objetivos fossem alcançados selecionamos como conteúdo, além do curta-metragem: “Os Fantásticos livros voadores do senhor Lessmore”; o conto “Cheque de Amor”, de Nelson Rodrigues, como também “Felicidade Clandestina” e Frases de Clarice Lispector.

Dessa maneira, observamos que, geralmente, os estudantes fazem a leitura como sendo uma obrigação que precisa ser realizada para fazer provas e trabalhos escolares, assim, o aluno realiza a leitura somente para a escola e não como construção do próprio conhecimento.

Segundo Colavitti Braga (2006, p. 6), o aluno não foi educado...

para compreender os atos de leituras como momentos que, de fato, lhes acrescentam saberes, que possibilitam transformações e evoluções intelectuais e psicológicas, os “leitores” encontram no livro o peso da imposição, da obrigação e, por isso, sentem que estão fazendo um favor ao professor que não indica, mas cobra a leitura; e, ao fazê-lo, exigem a reprodução de elementos do enredo, reforçando a idéia de que os livros são *chatos, difíceis* e que *não têm nada a ver*, nada a ver com o que querem, necessitam, desejam ou gostam. (grifo da autora)

Com base nesse fragmento, podemos estabelecer relações com os depoimentos feitos pelos alunos durante nosso exercício regencial. Quando perguntávamos se gostavam de ler

textos literários, afirmavam que a literatura era chata e complicada, possuindo uma linguagem complexa e de difícil entendimento. Essa consideração permite-nos trazer o estudo de Regina Zilberman, segundo o qual

O novo panorama escolar, vigente até os dias de hoje, caracteriza-se pela ruptura com a história do ensino da literatura, porque se dirige a uma clientela para a qual a tradição representa pouco, já que aquela provém de grupos aos quais não pertence e com os quais não se identifica.

A nova clientela precisa ser apresentada à literatura, que lhe aparece de modo diversificado e não modulado, tipificado ou categorizado; ao mesmo tempo, porém, fica privada da tradição, à qual continua sem ter acesso, alargando a clivagem entre os segmentos que chegam à escola e a história dessa instituição. Se, no passado, a escola apoiava-se fortemente no ensino da literatura e, mesmo sem ter como meta formar leitores, acabava, às vezes, contribuindo para isso, no presente, dá as costas para a tradição e termina por privar os alunos de qualquer história (ZILBERMAN, 2009, p.7).

Então, conforme Zilberman a crise da literatura pode estar relacionada com os leitores da era tecnológica, pois a tradição (que é conhecido como o velho pelos jovens) não tem muita importância para eles. Porém, esse fato exige que o professor tenha que lidar com o novo, com as novas mídias.

Assim, nos propomos a exibir o curta, pedindo para que os alunos prestassem muita atenção no mesmo e, posteriormente, dispusemos o curta em slides, para que pudéssemos junto com eles retomar algumas cenas, bem como poder conduzir nossas discussões de maneira mais organizada. Vale enfatizar que o nosso objetivo é que por meio das imagens possibilitássemos aos alunos uma visão crítica sobre a leitura literária. A figura do Lessmore nos possibilitou a discussão e a interação deles com o universo das letras. Na primeira imagem, foi possível discutir sobre as literaturas de massas, as quais não tem o mesmo valor de enriquecimento para o intelecto do que os textos considerados literários que trazem contribuição para o percurso de leitura e nos fazem refletir sobre a vida. Dessa forma, na discussão ficou evidenciado que não é qualquer tipo de textos que nos fazem pensar.

Após o caos que fica instaurado na sociedade, o personagem principal Lessmore se encontra com o novo, ou seja, encontra com uma mulher a qual representa uma postura diferente da dele, pois ela possui em suas mãos livros que indicam a sua maturidade de leitora. A partir do seu percurso de leitura, ela é capaz de navegar no universo literário e viver essa experiência, assim, Todorov (2010, p. 77) afirma que “a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana”, ou melhor, “a literatura faz viver experiências singulares”.

Em seguida, o Sr. Lessmore tenta ter a mesma experiência realizada pela mulher. Ele tenta fazer com que seu caderno voe, mas não consegue. O personagem não consegue viver a mesma experiência da mulher, porque ele ainda não entrou em contato com o universo literário. Sendo assim, a mulher com os livros voadores deixa-lhe um livro, o qual propõe que Lessmore entre em uma biblioteca, que simboliza o mundo das letras. Essa cena nos faz refletir sobre como a literatura tem um papel humanizador, porque permite ao homem vivenciar uma gama de experiências e construir sua própria identidade.

Desse modo, podemos ressaltar a importância da literatura nas palavras de Tzvetan Todorov, ao ressaltar que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximo dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2010, p.76)

O argumento de Todorov pode ser relacionado com a próxima cena em que o Sr. Lessmore adentra na biblioteca. Neste momento, ele é recepcionado pelos livros, contudo o personagem está em preto e branco. Salientamos que, nesta passagem, o personagem começa a ter um contato com o mundo das letras o que provoca certo estranhamento que faz com que ele retorne a vida, pois ele retorna a sua cor original, ou seja, agora ele não está mais em preto e branco. A transformação ocorrida quanto à cor do personagem pode ser interpretado como a busca pelo conhecimento de si como suporte no encontro com outras formas de vida propiciado pela literatura.

Outra cena muito interessante é quando o Sr. Lessmore encontra na estante um livro envelhecido pelo tempo e esquecido pelos leitores. Quando o personagem vai pegá-lo, o livro desmonta-se, imediatamente o seu objetivo é salvá-lo. Na tentativa inicial de salvar o livro, o personagem faz apenas um conserto superficial que não resgata a essência literária. Então, o livro que a mulher havia deixado para lhe orientar, sugere que para salvá-lo é necessário que ele adentre no universo da obra, ou seja, que mergulhe na leitura. Sendo assim, ele começa a navegar no mundo das letras e a partir desse momento é encenado os efeitos da leitura no leitor no momento em que Lessmore assume diversas feições diante do livro. Após essa viagem, Lessmore consegue salvar o livro, o que significa que um livro passa a ter existência no momento em que o leitor navega pelos mares das letras e isso indica que só poderemos salvar um livro, dar vida a ele a partir do momento em que o lemos.

Dessa maneira, depois de já ter adquirido uma experiência de leitura, Lessmore começa a escrever a sua própria história. Depois de construir uma bagagem de leitura, o personagem ajuda as pessoas que estavam vivendo no caos e também sem vida (preto e branco) no sentido de também poderem iniciar este contato com o universo das letras. O que de certa forma nos remete ao papel do professor, como mediador, apresentando também aos alunos esse universo literário. Torna-se significativo ressaltar que o Sr. Lessmore só consegue ajudar aqueles que tiveram atitude de procurar a biblioteca, o que sugere que o homem não pode ficar acomodado e acabar esquecendo-se de adquirir novos conhecimentos. Contudo, essas pessoas no curta-metragem que buscam ter contato com o universo das letras chegam até a biblioteca sem vida e saem transformadas, pois recuperam a sua cor.

Da mesma forma que a mulher deixa um livro para nortear Lessmore, ele também deixou o livro que ele escreveu para orientar uma menina que chega a porta da biblioteca e tudo o que acontece com o Sr. Lessmore ela também viverá. Ao final do vídeo vemos seis retratos na parede da biblioteca e neles reconhecemos, a foto da mulher voadora e o Lessmore. Com isso podemos perceber que são poucas as pessoas que se interessam por esse universo das letras, poucos se permitem viver as experiências que somente a leitura literária pode proporcionar.

Pudemos mostrar assim, aos alunos, que a leitura pode ser realizada por meio de vários caminhos, deixando bem claro que nada substitui o texto literário em si, mas pode nos aproximar dele. Como afirma Caio Meira, na apresentação da edição brasileira da obra de Tzvetan Todorov intitulada *Literatura em Perigo* (2010, p. 12): “Se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que de fato, a literatura está em perigo.” E esses outros mundos e vidas podem vir por vários meios, e tentamos mostrar aos nossos alunos um pouco desse universo literário por meio do curta-metragem. De como aquele universo transposto em vídeo pode nos ajudar a refletir sobre o mundo a nossa volta e que de modo algum ele substitui o texto literário. Maria Teresa Freitas (2007, p. 156) afirma que:

[...] uma nova tecnologia não destrói a que lhe antecede. Lembra que o surgimento da impressão, acompanhado por negativas previsões, não erradicou o gosto pelo texto escrito. (...) É possível, pois, que também o computador e, principalmente, a Internet podem se constituir em um caminho para os livros e não em seus substitutos.

Nesse ponto, devemos considerar que a escola está com um novo público, uma nova clientela. Então é interessante que o professor deva contribuir com esses alunos interagindo com as novas mídias, ou melhor, o professor deve auxiliar o aluno para que dessa forma a leitura literária não seja taxada como chata e entediante.

Obviamente que não podemos descartar que a seleção dos textos literários para a realização da leitura faz toda a diferença, ou seja, o professor precisa conhecer o perfil dos alunos e, então, levar textos pelos quais eles vão se interessar. No entanto, não podemos culpar o aluno pela sua dificuldade na leitura, pois de algum modo a leitura não se aprende no imediatismo, trata-se de um longo processo relacionado à produção do conhecimento, que demanda um tempo para tornar-se hábito na vida do aluno. Conforme Vera Teixeira Aguiar (2007, p. 2),

a leitura não é um comportamento natural do ser humano, como comer ou dormir; ela é cultural e precisa ser adquirida. Normalmente, à escola cabe a nossa introdução no mundo das letras. Ali desenhamos as primeiras palavras e lemos os textos iniciais. No entanto, a leitura começa muito antes, quando, pequenos ainda, percebemos os impressos mais corriqueiros, como cartazes, logomarcas, letreiros de ônibus, chamadas televisivas e tantas outras mensagens que, claro, são muito mais numerosas nas cidades do que no mundo rural. Nesse momento, já começamos a fazer associação entre as manchas escritas e a significação que elas contêm, embora sem saber soletrar.

Desse modo, podemos enfatizar que o hábito de leitura está presente em todos os âmbitos, isto é, nem todos precisam gostar do universo literário, a possibilidade de conhecer tem que existir, ou melhor, o direito à literatura não pode ser negado. Daí se o aluno vai gostar ou não a decisão é dele, ou seja, conforme a literatura é apresentada ao aluno, com toda a certeza ele vai adquirir o gosto. Assim, o professor precisa ser um estrategista. Estrategista porque ao apresentarmos este curta como base para nossas discussões sobre a importância da literatura, vimos a interação dos alunos, que nos deixou muito contentes, pois conseguimos fazer com que eles percebessem e, principalmente, discutissem as relações vigentes no mundo e o modo como a literatura apreende todas elas e nos faz pessoas mais reflexivas, atentas e críticas.

Referimo-nos assim, pois em dados momentos os próprios alunos nos contavam suas experiências literárias, cujos depoimentos giravam em torno do repúdio pela leitura literária, como já mencionado anteriormente.

Notamos que muitos alunos que diziam não gostar, apontavam o gosto pela leitura de massa. Então, o curta nos proporcionou discutir questões como estas e ainda tentar mostrar a diferença entre o que eles consideravam literatura e o que de fato é a literatura. Mostrar, com base no curta-metragem, as relações entre o que o senso comum nos impõe e as relações que um leitor investigativo, pode ter como processo capaz de transformá-lo, ou ainda como afirma o próprio Todorov (2010, p. 24):

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

É, justamente, entender que literatura nos ajuda nesse processo de humanização, de nos fazer questionar as circunstâncias impostas, que nos torna responsáveis pelos nossos próprios percursos literários, por nossas experiências de leitura, assim com o personagem Sr. Lessmore.

É interessante destacarmos neste momento a relação dessa “vocação de ser humano” que se realiza no curta-metragem. Uma metáfora perfeita da relação entre o leitor inexperiente e experiente, que se concretiza a partir do momento em que o personagem principal, o Sr. Lessmore, ao adentrar a biblioteca se torna um ser “colorido”, ou seja, o universo literário é capaz de dar vida, ou como afirma Antonio Candido, é capaz de nos fazer viver:

Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (...) Entendo aqui por *humanização*... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1988, p. 244-249)

Assim, durante a regência nossa preocupação foi sempre a de tentar fazer com que os alunos recebessem nossas propostas abertamente. Tentamos demonstrar e chamar a atenção dos alunos ao tema de nossas aulas, fazendo com que estes percebessem a importância da



literatura. De como esta pode ser algo prazeroso se, claro, houver um incentivo, se o literário for de fato trabalhado e não como vimos nos depoimentos dos alunos. Estes, por sua vez, consideravam *Best Sellers* como obras literárias e puderam perceber, a partir do conteúdo que nos propomos a ensinar, a diferença entre elas e de como um bom livro pode ser estimulante e prazeroso, além de nos fazer refletir sobre o mundo à nossa volta.

Antonio Candido (1995, p. 256) afirma ainda que a literatura deve ser um direito de todos os seres humanos, ressaltando que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. Sendo assim, para Candido o papel da literatura será de humanizar.

Após breve discussão sobre a leitura literária e as novas mídias é importante ressaltarmos qual foi o nosso trabalho para instigar os alunos a praticarem a leitura de textos literários. Para iniciar as aulas sempre perguntávamos quantos gostavam de ler e em todas as classes constatávamos que uma minoria exercitava a leitura literária.

Nesse ponto, vale ressaltar sobre a importância de se trabalhar com as novas mídias em conjunto com o texto literário. Como sabemos os alunos de hoje não são os mesmos de antigamente. Estamos atendendo um público diferenciado, pois estamos na era tecnológica e não dá para separar a educação das novas mídias. Temos que utilizar as novas mídias em nosso favor. Esse público jovem está sempre interagindo com as novas mídias e sendo assim o contato com textos literários é mais fácil e rápido. Conforme Freitas (2007, p. 160-1),

Nas páginas de *web* crescem a cada dia os endereços que levam a sites sobre literatura com bases de dados constantemente atualizadas envolvendo autores, obras, gêneros diversos, movimentos literários, períodos históricos... É possível ainda encontrar endereços de listas de discussão, fóruns de debates sobre o autor ou sua obra que ampliam em muito as possibilidades de interação. É uma profusão de fontes de consulta, possíveis numa rápida velocidade que economiza o tempo de pesquisa em uma biblioteca ou livraria, superando as dificuldades de distância e de acesso a outras fontes e pessoas.

Desse modo, podemos perceber que a internet tem sido um espaço muito importante, onde a interação é mais rápida e objetiva. Assim, o fato de nossos alunos estarem sempre conectados a esse mundo virtual, o contato com textos literários e vídeos relacionados ao universo literário torna-se cada vez mais fácil.

Esse levantamento da nossa experiência de Estágio mostra que a leitura literária na escola é possível e pode ser produtiva, isso dependerá da posição do professor. Se o professor

se propor a trabalhar com textos literários e deixar de lado o livro didático isso fará grandes descobertas, pois nesse gesto tanto o professor pode ensinar como aprender. Rangel (2007, p. 138) afirma que

Considero o texto literário indispensável para o ensino/ aprendizagem de leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão... Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico.

Com base nisso, enfatizamos que o docente precisa partilhar sua paixão pela literatura para que assim o aluno comece a gostar da leitura literária. Quando o material literário fizer sentido para o estudante, ele passará a gostar da Literatura. Candido (1995) também afirma que “em uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (p.263). Dessa forma, o professor deve pensar ou repensar o ensino de literatura.

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, Vera Teixeira de. “Leitura e conhecimento”. *Signo*, v. 32, n. 53, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. *Literatura na Escola de 1º e 2º Graus: Por um Ensino não Alienante*. 1985

BRAGA, Patrícia Colavitti. “O ensino de literatura na era dos extremos”. *Letra Magna. Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, n. 05, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula – Caderno de análise literária*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: *Vários Escritos*. 3ª. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria, 1995.

FREITAS, Maria Teresa. “Leitura, escrita e literatura em tempos de internet”. In: PAIVA, Aparecida (org). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAJOLO, Marisa. “A leitura literária na escola” e “Os leitores, esses temíveis desconhecidos”, in: *No mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, Ática, 2002.

RANGEL, de Oliveira Egon. “Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis””. In: PAIVA, Aparecida (org). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TODOROV. Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e Pedagogia ponto e contra ponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina. “Que literatura para escola? Que escola para a literatura?” *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v.5, n.1. jan/jun. 2009.

